



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virginio Pires

SEMANARIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13—Telefone 127 —TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266—TAVIRA

RELEMBRANDO

HÁ dias, dominado já pela tranquila e deliciosa reverberação das tardes setembrinas que pronunciam a chegada do lânguido Outono Algarvio, tão propício à contemplação dos seus poentes luminosamente brandos e à meditação, depois da álcere e buliçosa época calma, veio-me à ideia, trazida pelo doce e alado movimento da primeira folha que cai, a lembrança de dois Amigos já tombados também ainda que os não embalasse na última fase da vida a serena e harmoniosa paz da pétala ou folha que se desprende!

Um médico outro advogado!

Não se conheciam, segundo creio, mas tinham de comum o mesmo ano de formatura, serem ambos Carlos e vieram a ter por insondável e subtil desígnio da Providência destinos trágicamente semelhantes!

Mergulhado nestas reflexões que nunca me tinham ocorrido, dei por mim a reler no Livro do Curso, os únicos versos que fiz depois dos quinze anos, dedicados ao

(Continua na 3.ª página)

A Secção do Ensino Liceal

em Tavira

VELHA aspiração da cidade de Tavira, que aos problemas do ensino tem dedicado todo o seu esforço no desejo, perfeitamente humano, de uma maior promoção cultural do concelho, renasce das cinzas do passado com mais entusiasmo e calor a par duma mais ampla actualidade. Somos dos que entendemos que o ensino não deve constituir um prémio ou uma benesse, tal como um brinde que se oferece a um garoto de-

naturalidade, sem atropelos nem favores, nos justos lugares em cada região do País e pela sua ordem de preferência, em obediência por exemplo ao aspecto demográfico, ao crescimento comercial e industrial e sempre, sem menosprezo, pelas escolas circunvizinhas superlotadas, constituindo assim como que núcleos educacionais de apoio.

Volvidos quase sete anos sobre a criação da Escola Técnica, cujo ensino se tem mantido em ambiente deficitário porquanto, classificada de Agro-Técnica apenas esta última modalidade tem sido o alimento básico da sua existência, justo é que, não só

...Uma ideia que é preciso vingar...

pois de muito mendigar e chorar, antes sim, o fruto lógico dum profundo e bem estruturado estudo sobre a cobertura instrutiva nacional.

Dentro deste critério, os estabelecimentos de ensino iriam surgindo com

A HABITAÇÃO

Tem este jornal acentuado por mais de uma vez e nisso julga cumprir um dever da sua missão de informador e defensor do público, o grave problema da habitação de que enferma a nossa sociedade, que não é a única, porque dela sofrem também muitos países estrangeiros. Mas é o nosso que nos prende a atenção.

Tomemos este exemplo que conhecemos: um casal, ainda jovem, tem três filhos, duas meninas e um menino. Para seu lar tem um compartimento único a que folgadoamente damos a área de doze metros quadrados.

Não tem água canalizada, nem luz eléctrica, nem esgotos. No Verão cozinha na rua, em tempo desabrido tem de cozinhar em casa com todas as incomodidades e perigos que daí resultam. O compartimento não tem janela porque a um peque-

(Continua na 3.ª página)

o público mas principalmente as entidades oficiais, com especial relevo para quem dirige os superiores destinos do Município, comecem a pensar seriamente e com a maior atenção numa nova modalidade de ensino, exactamente o Liceal.

Concelho vasto e populoso como é o de Tavira, confinante com os progressivos concelhos de Castro Marim e Vila Real de Santo António, num total de almas da ordem dos 60.000, faz jus, pelos muitos benefícios que traria aos estudantes liceais desta vasta zona de influência no Algarve, à criação de uma Secção do Ensino Liceal na cidade do Gilão.

A par do serviço de descongestio-

(Continua na 3.ª página)

HORA DE SAUDADE

HOMENAGEM AO DR. CARLOS PICOITO

PASSA no próximo dia 24 do corrente, o primeiro aniversário da morte desse ilustre tavirense e dedicado amigo do nosso jornal, que foi o Dr. Carlos da Costa Picoito.

Todo o Algarve mas em especial Tavira, sentiu profundamente a sua perda e volvido um ano sobre o infausto acontecimento, todos os seus ami-

gos e admiradores se reúnem para prestar-lhe mais uma expressiva e saudosa homenagem.

A Sociedade Orfeónica que o Dr. Carlos Picoito sempre acompanhou e realçou com o brilho da sua palavra de orador fluente, em diversos pontos do País, num gesto de gratidão, quis ser ela a organizadora da primeira romagem de saudade ao

título do seu velho e querido orfeonista, na data do 1.º aniversário da sua morte.

Foi sempre um grande amigo da sua terra, estando presente em todos os actos sérios.

Acostumamo-nos assim a vê-lo fazer uma conferência literária ou científica, nas salas da Biblioteca Municipal ou da Sociedade Orfeónica, a falar no Coliseu dos Recreios ou no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, sobre o folclore algarvio ou da arte de representar, a colaborar nos jurís dos «Jogos Florais», a pronunciar um discurso vibrante na inauguração de um monumento, a subir as escadas do Município para com o seu verbo brilhante falar de um acontecimento do progresso cidadão e até nunca deixou de abrihantar com a sua presença qualquer festa cívica ou meramente recreativa da cidade.

Por tudo quanto fez pela sua terra e pelo acendrado amor que lhe dedicou, parece-nos justo que Tavira desse o nome do Dr. Carlos Picoito a uma das suas artérias.

O programa da homenagem
(Continua na 3.ª página)



O Dr. Carlos Picoito, no palco da Sociedade Orfeónica, onde tantas vezes pronunciou brilhantes discursos, vai ser justamente homenageado por aquela colectividade tavirense

Algarve é Portugal!

Através de um amigo chegou-nos às mãos um exemplar do «Jornal Costa do Sol» em que num certo artigo é debatido o problema da preferência dada pelos turistas ao Algarve.

Por mera curiosidade lemos e não fosse o facto insólito de certas afirmações a nossa pena viria neste momento a corroborar com o articulista; mas dado que há nele algo que nos fere a nossa alma genuína de português e o nosso cunho justiceiro aqui estamos a expor a nossa despreziosa opinião firme, conveniente e convincente opinião.

— POR —
Maria José Rebelo

Não sou do Algarve, mas porque vivemos aqui já alguns anos, posso, portanto, e insuspeitadamente, falar deste povo que conheço através da vivência e assimilação de costumes.

Segundo o articulista, o Algarve é considerado não adstrito ao todo português apenas porque ainda no reinado de D. José I, conforme verificou por uma moeda coeva da época, achada na sua quinta, o título régio era (Rei de Portugal e

dos Algarves). Ora dos nossos conhecimentos históricos sabemos que o mesmo vem dos tempos do nosso rei Afonso III, quando o Algarve definitivamente passou à nossa posse e que foi inserido no título do rei — Rei de Portugal e dos Algarves — não para fazer destriça entre um e outro mas apenas porque o reino dos Algarves era de tal modo importante que podia ombrear com o que até aí fora o reino de Portugal, sendo ambos um reino único e indissolúvel assim assinalado o Algarve pela honra que o rei sentia em desse modo, se titular, dando por conseguinte mais valor e retribuição ao título.

Se assim não fora para que se serviria o Infante deste solo para criar a sua Escola, confiar-lhe os seus marinheiros, para fazer depois de Lagos uma tão histórica quão antiga cidade; para que honraria Afonso III, Faro com a sua visita, para que se criaria mais tarde na mesma cidade um hospital das misericórdias; porque viria D. João II aqui tomar banhos, porque mandaria o

(Continua na 3.ª página)



UM ACTO DA VIDA NACIONAL

O novo Ministro da Justiça, Prof. Dr. Almeida Costa, no acto de transmissão de poderes

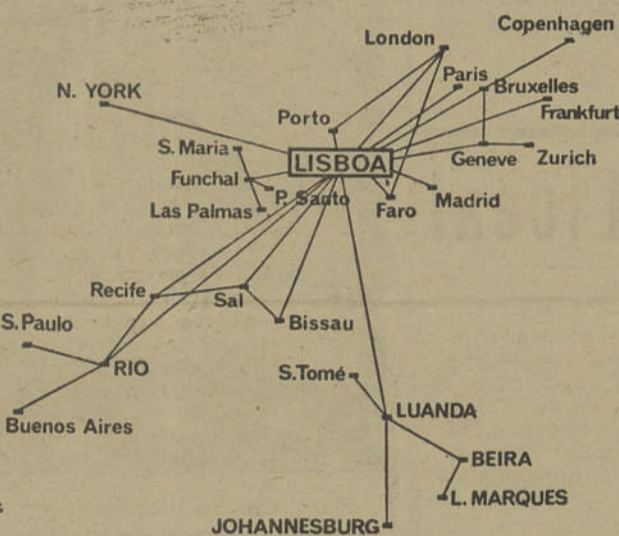
TROVA

Ah! Como são sedutores
Esses lindos olhos teus!
Que demónios tentadores,
São mais dois pecados meus.

V. P.



TAP
TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES



COM SERVIÇO

SÃO A JACTO

E do geral conhecimento terem as praias do Sul do País recebido nos últimos anos um largo afluxo de veraneantes.

E ainda bem: felizmente que, em resultado frutuoso de uma bem orientada propaganda turística, se haja atraído o nórdico estrangeiro que no litoral algarvio vá desfrutar a delícia do *degelo*, no ar morno e no tépido mar. Mas já se não compreende que o nacional, o português, se desabite de veranejar por exemplo na Figueira da Foz, na Nazaré, ou na Costa do Sol, e se incorpore na chusma cosmopolita que, ultimamente, se despeja no Algarve.

Porventura o Português aí melhor se retempera na sua portugalidade, em que, sobre tudo o mais, se deve requintar, máximamente na época actual, em que de novo Portugal é o arauto e o artífice da Civilização?

Conta mais de oito séculos a idade da nossa pátria; e ainda há dois o Algarve não fruíra a suprema honra de ser considerado Portugal.

Um facto sintomático: achou-se, há dias, em propriedade minha, na quinta onde resido em S. Pedro do Estoril, uma moeda cunhada assim: *Josephus I Dei gratia Portugaliae et Argabiorum Rex*, (José I por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves).

Quer tal dizer que ainda no reinado de D. José o Algarve não era galaradoado com a glória de ser Portugal; era como que uma espécie de antecâmara, de sala de espera em que o nobre Portugal aguardava o embarque para o seu Império Ultramarino.

Efectivamente, nem na morigeração dos costumes, nem no alicante sortilégio da Arte, nem no que quer que seja que se integre na dignidade de viver, o Algarve supera qualquer outro rincão do País.

Exibe o Algarve as características chaminés, que ostenta cioso como *ex-libris* privativo.

Mas representará essa típica nota arquitectural o que quer que seja de autêntico haurido pela via da genuína raiz portuguesa?

Contas do meu rosário (2)

O ALGARVE e a Costa do Sol

pelo DR. DIOGO CORREIA

Não é no alarde meramente exterior que pode revelar-se a autenticidade duma aprimorada indole doméstica, mas no foro íntimo do lar, no azeite e no gosto como se dispõe a cantareira e se arruma e guarda o bragal. São patentes as afinidades das faladas chaminés algarvias com os esguios e ostensivos minaretes da arte islâmica.

Ora, nada mais hostil à essência da alma lusitana, que é no estilo românico — e na modalidade mais atarracada — que se espelha e compraz, ela que é toda lhaneza, cordial sinceridade, enimesmada singeleza e pudica sensibilidade.

Estamos lembrados daquele curioso concurso que há anos o Secretariado de Propaganda promoveu para a eleição da «aldeia mais portuguesa de Portugal».

Nesse emocionante certame recebeu o honroso cognome e o gólo de prata a aldeia de Monsanto, secundada pela de Paul, ambas da Beira Baixa, donde me prezo de ser natural.

Claro que nesse memorável debate seria inviável concorrer válidamente um burgo algarvio: se se intentasse assinalar a aldeia menos portuguesa então, sim, teria forçosamente de se ir ao Algarve e apontar um qualquer Moncarapacho ou uma Odíaxere qualquer.

Nada há, pois, que explique ou fundamente a notada opção do veraneio nas terras algarvias.

Mas, afinal de contas e bem vistas

as coisas, trata-se de mera moda, efémera, que vai já passando como passam todas as modas.

Confiemos nos privilégios da nossa Costa do Sol que, aliás, não se deslustra nem se teme da anómala preferência.

Conquemos os esforços para o maior progresso desta bem-fadada região que, se não é nossa de nascimto, é a no-sua adoptiva, a que devemos gratidão e benquerença.

Emittamos para todas as direcções, com a autoridade e a ênfase de quem promulgou um dogma, o lema proclamado pelos clínicos idóneos e, já desde 1620, por Frei Nicolau de Oliveira: «Cascais é a mais sadia terra que se sabe em Portugal».

E, para já, demos ao presidente do nosso Município, à sua Câmara e ao chefe da secretaria incentivo e alento, para lutarmos todos por que, num futuro próximo, seja Cascais oficialmente, e *de jure*, o que já é de facto: a cidade-capital da Costa do Sol.

Setembro de 1967.

N. R. — Com a devida vénia transcrevemos este artigo, de insulto ao Algarve, publicado no nosso prezado colega «Jornal da Costa do Sol», de Cascais, n.º 180, de 30/9/67. Nem sempre temos tempo para nos debruçarmos sobre tantos jornais do País que recebemos. Foi a nossa Casa do Algarve em Lisboa, que teve a gentileza de nos enviar

uma fotocópia, para nosso conhecimento.

A resposta às aleviosias do seu autor sobre o Algarve, são dadas neste número do nosso jornal pela pena da sr.ª D. Maria José Rebelo e pelo nosso camarada «Zé da Rua».



**Pela
Província**

Algôs

Grandiosos festejos promovidos pelo Sport Algôs e Benfica, no próximo dia 29 de Outubro — A direcção desta colectividade, sempre atenta aos melhoramentos para a sociedade que com tanto carinho dirige, organiza interessantes festejos no próximo dia 29 de Outubro, com o seguinte programa:

As 7 horas — Alvorada com foguetes e morteiros.

As 15 horas — Grandiosa gincana de bicicletas motorizadas no recinto da esplanada, havendo prémios para todos os concorrentes.

As 17 horas — Abertura da quermesse e verb-na, onde está instalado um óptimo serviço de bufete.

As 18 horas — Corrida de panelas, com valiosos prémios.

As 19 horas — Tirada de fitas em motorizadas.

As 21 horas — Variedades onde se exibem numa sessão de fados, o miúdo Flaviano Ramos, uma autêntica revelação e Valdemar Ramos, que serão acompanhados à viola e guitarra, por Valdemar Ramos e Fernando de Sousa. A seguir, baile abrilhantado pelo magnífico conjunto os «Lordes»,

Notícias Pessoais

Fizeram anos:

Em 14 — Menina Aida Maria Ferro de Oliveira, D. Suzete Ligia da Silva João e o sr. dr. António Manuel Almodovar.

Em 15 — Meninas Maria Teresa Andrade Ferreira, Maria do Livramento Maco, D. Cidalina de Jesus Matos, D. Helena do Rosário Gonçalves Morgado Correia e o sr. Hugo da Horta Gonçalves.

Em 16 — Menino Claude Patrick Laranjo Frade, D. Maria Solange Durão Correia Matos, D. Maria João Viegas Bernardo e D. Emilia da Conceição Gomes Rebelo e os srs. Jorge Regato Tenudo e José Manuel Cruz Sotero.

Em 17 — D. Maria do Nascimento Nunes, D. Maria Antonieta Martins Ramos e D. Maria Luísa Batista Correia Matos e os srs. dr. Martini no Pereira dos Santos, Jorge Alberto Soares Rosado e o sr. Francisco da Encarnação Martins.

Em 18 — Mlle. Maria Filomena Bragança Gil, D. Maria Evangelista Pires, menino Silvério Leal Palma, Francisco Eduardo Pires Modesto e os srs. Francisco António Evangelista Bacalhau e Francisco Figueira.

Em 19 — D. Maria do Rosário Neves Vargues, D. Adélia Pires Vicente, D. Maria João Henrique Patarata Martins e Simone Bogaerts da Fonseca e os srs. Eduardo Gonçalves Dóres, Joaquim Vaz Figueiredo, Humberto Figueira, e Ricardo Ferreira Campos.

Em 20 — D. Maria Caetano Gonçalves Ferro e os srs. Joaquim Dias, Joaquim Santana Paleiro, dr. Rocheta Cassiano e José Iria Neto.

Fazem anos:

Hoje. — D. Carmelinda Peres Figueiredo e D. Maria de Lourdes Neto Gago.

Em 22 — Mlle. Maria Manuela Feliciano Pacheco, D. Maria Julieta Batista Cruz, D. Maria Eduarda Cabrinha Santos e D. Carlota Martins Algarvio Cabrita.

Em 23 — D. Maria de Lurdes Batista Regato, D. Maria João Gaspar Bacalhau, D. Maria Julieta Tavares e os srs. José Amândio Pereira Vargues, Alberto da Silva Ferreira e Celestino dos Santos Amaro Júnior.

Em 24 — Menina Isabel Maria Pires de Sousa, D. Maria Amélia Ramos e os srs. Aurélio Anibal Bernardo, José Augusto da Conceição Martins, António Horta e Mário Fernandes Peres Calião.

Em 25 — Menina Maria Rosa Martins Viegas e os srs. Luís Gonçalves Mascarenhas, Mário do Nascimento Jara, Manuel de Sousa e Júlio Cordeiro Peres.

Em 26 — D. Maria Amélia Cansado Carvalho, D. Ermelinda do Carmo Zacarias e os srs. Virgílio Evaristo Cavaco e António Joaquim Evaristo Luís.

Em 27 — Menina Ana Luísa Sofia Miguel Mendonça, Mlle. Celina Maria de Santana Cordeiro, D. Maria Helena de Amorim Ribeiro Alberty e os srs. Rev. Prior António do Nascimento Patrício, João dos Santos da Conceição e Vitor José Camões Castanho Soares.

Partidas e Chegadas

Seguiu para África a fim de se juntar a seus sobrinhos lá residentes. a nossa conterrânea sr.ª D. Clementina Maria de Sousa.

— Após ter passado as férias na sua Quinta de Albufeira, regressou a Faro, o nosso prezado amigo sr. dr. José Correia do Nascimento, distinto professor do Liceu, aposentado e antigo Presidente da Junta de Província do Algarve e da Comissão Distrital da U. N.

— Após prolongado tratamento na capital, da doença de que foi acometido, regressou à sua casa, em Caceia, o sr. dr. José Correia, distinto advogado algarvio e nosso prezado assinante.

Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

— Foi nomeado Prior de Alcantarilha, o nosso prezado amigo e assinante reverendo Padre Francisco Assis Dias de Araújo, homem de nobres virtudes, que, quando capelão do C. I. S. M. I. fez obras dignas de registro na Igreja de São Francisco desta cidade.

Desejamos-lhe muitas felicidades no desempenho da sua nobre missão na freguesia de Alcantarilha.

que se exibem pela primeira vez ent e nós.

Falecimento Com grande acompanhamento, e após ter sido rezada missa de corpo presente na igreja paroquial, realizou-se há dias o funeral da sr.ª D. Eugénia da Conceição Cabrita, proprietária, viuva, de 85 anos de idade, natural da Guia, freguesia de Albufeira, residente em Vales de. A falecida que possuía inegáveis dotes de bondade e era o emparo dos desprotegidos da sorte, foi por todos chorada.

Era mãe do do sr. José Severino Cabrita, importante proprietário e comerciante desta praça, e sogra da sr.ª D. Maria Correia Leal, a quem apresentamos sentidas condolências. — C.

Algarve é Portugal!

(Continuação da 1.ª página)

Marquês de Pombal construir Vila Real de Santo António?— tudo isto são perguntas cuja resposta torna irrefutável qualquer objecção.

Refutamos também a opinião expressa de que o Algarve é menos português que qualquer outra parte de Portugal pelas características da sua arte que nas chaminés revela a influência dos povos do Crescente. Então nós ao percorrermos o nosso Portugal não encontramos em especial na Beira. Trás-os-Montes e Douro Litoral aquelas casas feitas de ardósia laminada como que palas e que por certo não são autêntica e caracteristicamente portuguesas de origem!

Estes não são argumentos em que nos fixemos para denegrir o Algarve em prol de outro qualquer pedaço de solo pátrio e que como se prova caem todos pela base qual «ídolo de ferro com pés de barro»; mas estes mesmos, no entanto, contribuíam para que o Algarve fosse desconhecido pelos nacionais sendo de lastimar que fossem os estrangeiros que nos dissessem, que era por aqui que se devia começar com uma propaganda turística nacional.

Não sabemos se o articulista já visitou o Algarve e em caso negativo gostaríamos que o fizesse pois quem por aqui já passou não pode de modo algum ignorar, e muito menos pôr em dúvida, a riqueza da costa algarvia, com cerca de 25 léguas de costa baixa, plana, de areia dourada, temperatura de águas superior à de qualquer praia do País, céu descoberto, amenidade climática, podendo quase todo o ano falar-se de Verão em pleno Inverno. Aqui verificamos, sem exagero, que o turista e mesmo nós próprios, podemos gozar da praia todo o ano.

É certo que cada praia tem o seu cunho próprio; mas não nos venham agora dizer que são superiores às praias do Algarve as nesgas de praia da Costa do Sol em que muitas delas auferem duma extensão em largura idêntica à do meu quintal, apinhando-se toldos e pessoas como sardinha em lata e aproveitando até, rochas cheias de limo e lodo para pouso. Essa zona tem beleza bastante sim, mas aquela que lhe é conferida pelo mar que diferentemente de aqui lhe banha a costa, mais diversificada, duma maneira mais agreste, porque aí o mar sente-se mais no seu forte odor iodado e goza-se o cosmopolitanismo que a indústria hoteleira permite.

Depois o Algarve não é só praia, céu e mar; é, em Janeiro e Fevereiro o espectáculo sem par, das suas amendoeiras floridas, brancas noivas imolando seus ramos de pureza, perfume e graça no altar da natureza que Deus a elas doou; é também e ainda a zona abastecedora das novidades agrícolas e onde como em nenhuma outra parte há o privilégio das bananeiras a recordar-nos o nosso Ultramar, isto para não falarmos já nas chaminés rendilhadas, altares de igrejas em talha, pinturas, vários castelos, etc. etc.

E para terminar sondemos a nossa consciência e depois respondamos:

Serão acaso menos portuguesas as mães desses rapazes algarvios, que, entregam abnegadamente seus filhos à Pátria, cuja História já foi escrita com o sangue de muitos deles?

Seremos nós menos portugueses por sermos do Minho, da Estremadura, das Ilhas, ou Ultramar?

Longe ou perto, mais ou menos civilizado, aberto ao mar, ou isolado pela montanha, o Portugal é só um e todos nós devemos pugnar e sentir orgulho quando esta ou aquela zo-

na, ganha simpatias e foro além fronteiras e, por conseguinte, não exaltemos esta em detrimento daquela, porque, se é tão nosso o filho que temos há 10 anos como o que só temos há 1 dia, são igualmente nossas e indesmentivelmente bem portuguesas todas as parcelas de Portugal e não as distinguimos pela sua distância no tempo e no espaço mas se o quisermos fazer, que seja pela índole do seu povo, manifestamente tão diversa mas tão nobre e forte que fez, faz e vive apenas por uma crença — Portugal!

Maria José Rebelo

A Habitação

(Continuação da 1.ª página)

no respiradouro aberto numa das paredes não se pode de modo nenhum chamar janela.

Como podem viver nestas condições? As meninas mandaram-nas para casa dos avós a distância de centenas de quilómetros e, desde que o fizeram, vai para dois anos, nunca mais se tornaram a ver. E como este quantos casos?! Principalmente em volta das grandes cidades é um horror. E pouco menos é dentro delas.

A promiscuidade é tão repugnante e tão imoral que é um perigo de indisciplina e dissolução constantes. Vimos agora que a Holanda não permite que a renda das casas vá além de 30% (e já não é pouco) do rendimento do inquilino. Entre nós muitas rendas excedem o que o inquilino vende. Como se defende? Alugando quartos, ficando ele reduzido também a um só. Vem a desarmonia entre os moradores e a promiscuidade de que já falámos.

Os terrenos onde assentam os prédios em construção são vendidos pelos proprietários e pelas Câmaras a preços exorbitantes que já chegaram à dezena de conto de réis por metro quadrado. As Câmaras não o deviam fazer e com isso defendiam interesses principais dos seus munícipes, o que é seu dever indeclinável e marcavam posição, e aos proprietários não devia ser permitida a venda além de um preço razoável. Aos construtores isso é indiferente. Eles sabem que têm o juro do capital sempre garantido porque o inquilino por mais que sofra não pode ficar na rua sujeito às intempéries.

O Governo da Nação tem encarado e resolvido muitos problemas graves. Nós só nos limitamos a chamar a atenção para este de uma permência tão grave que não admite delongas.

PRÉDIO

Vende-se na Praça Dr. António Padinha, n.º 45-46 e 48. Tratar com Dr. João Centeno, Telefone 61 — Lagos.

Câmara Municipal de Tavira

Conselho Municipal CONVOCAÇÃO

No uso da competência que me confere o art.º 31.º e nos termos do § 1.º do art.º 28.º do Código Administrativo, convoco o Conselho Municipal deste concelho, a reunir extraordinariamente no dia 24 do corrente mês, pelas 15 horas, na sala das sessões desta Câmara Municipal, a fim de tratar do seguinte assunto:

— Venda de uma parcela de terreno, a destacar da Horta d'El Rei, aos Correios, Telégrafos e Telefones, destinada à construção do edifício para telefones desta cidade.

Tavira, 17 de Outubro de 1967.

O Presidente da Câmara Municipal,
Jorge Augusto Correia

A Secção do Ensino Lical EM TAVIRA

(Continuação da 1.ª página)

namento que iria provocar no Liceu de Faro, a trabalhar em regime asfianje e sem as condições que a boa pedagogia aconselha, que melhorias de ordem instrutiva e material não proporcionaria a quem, por simpatia, preferisse este ramo de ensino?

E não se diga que esta lacuna está largamente compensada com a existência de colégios — tão oneroso e selectivo é o ensino ministrado nestes estabelecimentos que, o próprio Ministro Galvão Telles, em discurso proferido em 16 de Dezembro de 1963, disse:

«Prevê-se a concessão de subsídios destinados à instalação ou funcionamento dos estabelecimentos de ensino particular: mas sempre com o objectivo de tornar este ensino tão acessível como o público e assim, mediante a igualação ou aproximação de custos, proporcionar aos interessados uma real liberdade de escolha ou opção a fazer»

Esta apreciação, por excessivamente objectiva e clara, dispensa comentários.

Se o ensino é uma força generalizada em crescente expansão, e se é lícito dar a todos os jovens as mesmas possibilidades, segundo os seus méritos, porque privar os estudantes do extremo sul do Algarve de tais regalias?

A simples contemplação do mapa de Portugal, designadamente o percurso que medeia entre as margens do Guadiana ou mesmo da beira Sêqua e a capital do Sotavento, reflecte todo o drama vivido diariamente pelos jovens estudantes que ao liceu se deslocam à conquista de cultura, de novos horizontes tão preciosos à grandeza do País.

Caminhada, por excessivamente esgotante, chega a desencorajar mesmo os mais fortes, mais resolutos, e quantos não se perdem no torvelinho das dificuldades que os homens, teimosamente, persistem em não querer remediar!

Realmente, não é percorrendo 110 quilómetros ou mesmo 60, que se incita ou estimula a juventude que abraça o ensino liceal.

Não é gastando inutilmente 4 horas ou mesmo 2 sobre os rails do caminho de ferro, que se pode exigir rendimento satisfatório.

Não é partindo dos cais de embarque cerca das 6,30 horas ou mesmo 7,12 com regresso para o almoço por volta das 15 e 14 horas, que se poderá forjar almas sãs em corpos fortes.

Será que este sacrifício, imposto a tantas gerações, não atingiu ainda o preço porque havemos de pagar tão imperioso melhoramento?

Que melhor e mais aconselhável local para a instalação dum estabelecimento de ensino deste genero que a histórica e monumental cidade de Tavira?

Situada geograficamente a poucos quilómetros das populações que se pretende servir, dispondo de óptimas ligações rodoviárias e ferroviárias, sem vida buliçosa, mundana ou exageradamente cosmopolita, toda ela encerra inegáveis condições de cidade estudantil, académica, propícia ao labor intelectual.

Que ressoe como um toque de alvorada, e não uma plangente balada de Avé-Marias este apelo, e todos, quer vejam nascer o sol nas colinas das aldeias ou nos vales das serranias possuam usufruir dos estudos liceais.

TAV.

Cinema Santo António FARO

Hoje, — De tarde e à noite, *Um italiano da terra dos cangurus*, (colorido) 12 anos.

Terça-feira, — *Cine-Clube*, só para sócios.

Quarta-feira, — Em espectáculo elegante, *Ansia de Viver* (colorido), com Ursula Andress, 17 anos.

Quinta-feira, — *Quando o mundo nasceu e Afasta-te querida* (coloridos), 17 anos.

Sexta-feira, — *Rudes paixões* (colorido) e *A casa da banana*, com Jean Paul Belmondo, 17 anos.

RELEMBRANDO

(Continuação da 1.ª página)

Carlos médico. Versos sem qualquer valor literário, repassados de juvenil e pura amizade que, emocionado, me soube bem recordar numa afirmação da saudade que não morre!

Ao Carlos advogado, não tive oportunidade de lhe retribuir em vida senão com uma amizade sã e uma ou outra gentileza, as muitas vezes que me incensou com o seu verbo vibrante e fluente.

Devo-lhe portanto estas palavras e o concelho deve-lhe a dedicação e a ternura com que o trazia sempre no coração!

Demonstrou-o exuberantemente na exaltação da sua Cidade, do Poeta da sua terra, do seu Orfeão, do seu Rancho Folclórico e até do presidente da Câmara como encarnação do progresso que tanto desejava para o seu concelho e não como panegirista de adepto político.

O Dr. Carlos Picoito era mesmo assim, capaz de acamaradar com o mais humilde trabalhador da sua aldeia ou descer ao salão da Câmara para cumprimentar o amigo ainda que não comungasse na mesma doutrina política e fazia-o não por mimetismo mas por impulso irreprimível do seu nobre, corajoso e generoso carácter!

O Carlos era todo vibração, todo sentimento, todo alma a ressumar-se por uma voz de timbre grave e um jeito de altivo e eloquente tribuno!

É curioso que sendo amigo de criança do Dr. Carlos Picoito só em presença da sua morte me apercebi na realidade da grandeza dessa amizade e quanto o infausto acontecimento me tocara no que de mais íntimo e puro pode haver no coração do homem!

«Se lá no assento etereo onde subiu, memória desta vida se consente» verá que os amigos o não esquecem sublimando-se com o rolar do tempo a força imanente que o torna sempre presente!

Setembro/18/1967

JORGE CORREIA

Homenagem Cantinho de S. Brás

(Continuação da 1.ª página)

gem consta do seguinte:

Dia 24, às 8,30 h., concentração na sede da Sociedade, para a deslocação à aldeia de Santo Estêvão, onde será rezada missa por sua alma na igreja paroquial daquela freguesia. Em seguida será feita uma romagem ao cemitério, onde será descerrada uma lápide no túmulo do Dr. Carlos Picoito, pelo sr. Presidente da Câmara Municipal de Tavira, que usará da palavra nesse acto.

A noite, às 22 horas, na Sociedade Orfeónica, fará uma conferência sobre a vida e obra do saudoso orfeonista, o nosso colaborador sr. Sebastião Leiria, usando também da palavra nesse momento o sr. José Emídio Fernandes Sotero, Presidente da Assembleia Geral daquela agremiação e conterrâneo e amigo do homenageado.

Finda a cerimónia, na sala de leitura, à qual, será dado o nome do Dr. Carlos Picoito, proceder-se-á ao descerramento de uma fotografia sua.

Gostosamente nos associamos a todas estas manifestações à memória desse grande amigo que perpetuamente viverá na nossa imaginação.

Pensão ARCADEA

Trespasa-se ou arrenda-se a Pensão Arcada, por motivo do proprietário não poder estar à frente da mesma.

Quem pretender dirija-se ao Café Restaurante — Casa dos Frangos — Telef. 368 Tavira.

Prédios

Vendem-se 5, em Tavira, respectivamente na Rua Almirante Cândido dos Reis, 33 Rua João Vaz Corte Real e na Calçada de D. Ana.

Tratar com Eng.º João Guimarães — Rua D. Luis Coutinho, 56 — Lisboa 6.

Trespasa-se

Pelo proprietário não poder estar à frente, em Tavira, um estabelecimento de materiais de construção, ferragens, drogas, tintas e Agência Funerária. Para quaisquer esclarecimentos indicam-se os telefones: Tavira 92 — Faro 23497.

Se bem que seja algarvio dos quatro costados, como é costume dizer-se, só há poucos dias visitei Monchique.

Imperdoável seria nesta época de tantos e tão variados meios de transportes, se não acrescentasse, que na minha existência de meio século, não contasse uns trinta na Argentina. Lá tenho mulher e filhos e o produto dos meus anos de trabalho. Lá tenho o coração. Mas, quem viu em pequenino o sol algarvio, quem viveu algum tempo sob o efeito dos seus raios, deixa presa neles a sua alma. A onda crescente de turismo que invade a nossa província corrobora a minha afirmação. Mas, é surpreendente e totalmente diferente da restante, essa parcela algarvia, Pincelada luxuriante de verdura e frescura que nos encanta.

Quem demande as terras do Sul, na ansia dum sol quente e de praias, de águas tépidas, onde um banho de uma hora passa num momento de delícia e sinta saudades da frescura da sua terra distante, suba à serra de Monchique. Aí, matará as saudades. Essa parte da província completa o conjunto encantador que é o Algarve. Mas, o algarvio devia acompanhar melhor o progresso. — Isto tudo a propósito dum lindos peros que lá comprei. Quem não comprou já peros em Monchique?

Peros, lindas maçãs? Mas, oxalá não se desiluda, como eu, ao parti-los. Nas distantes terras argentinas donde vêm, não podia acontecer isso. Há também peros e maçãs belíssimas mas, impecavelmente sãs, porque há um esmerado serviço obrigatório de desinfecção às árvores de fruto, imposto pelo Governo.

Engenheiros agrónomos acompanhados das respectivas brigadas de tratamento ao arvoredo, inspecionam 4 a 5 vezes por ano todos os pomares. Todos. Nunca se dá o caso de um vizinho descuidado e desleixado deixar o seu pomar ser atacado por certa praga, que de seguida se propagará aos outros. As taxas cobradas pelos tratamentos são quase irrisórias pois esses serviços são subsidiados na sua quase totalidade pelo Governo.

Mas os resultados são esplêndidos. Pena é que os algarvios não sigam esse exemplo. Quantas pragas grassam por esta província com resultados péssimos para a sua economia? A mosca mediterrânea, por exemplo, que prejuízos não causa só nos laranjais e olivais? Infinitamente maior certamente que aquele que inutiliza uma boa parte das maçãs e peros de Monchique.

As competentes estações agrárias do Algarve, não teriam uma palavra a dizer sobre o assunto, elucidando as entidades superiores com vista ao desenvolvimento desses serviços de protecção? Algarvios! Tratem os nossos pomares com cuidado, acompanhando o progresso, facilitemos o turismo, aumentando os atractivos, disfrutando dos seus benefícios e indo o bom nome do nosso lindo Algarve.

S. Brás, 4/10/67

Francisco Lopes

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Manhã de Outono

Manhã de Outono
E a minha alma delira!
Com a luz brilhante
Deste sol
Qual poalha de ouro
A envolver Tavira,
Relíquia de um tesouro.
O despertar do sono
De uma noite mole,
Há brisa do levante,
Doces tons de arrebol,
E o mar no seu esplendor
Escuta canções de amor.

Já não há andorinhas,
Mas vejo as pombas brancas
Em meu redor,
Torres de Capelinhas
Almas francas.
Santa Maria, a mesquita,
Mas que amor!
Como ela está bonita
Nesta manhã de sol!
Lá do alto acenando
Aonde foi pousar,
Pra nos fazer lembrar
Que faz parte do bando.

Do bando que esvoaça
Em torno da cidade,
— S. Francisco de Assis,
Séria nos seus perfis
Relembra as proissões
Na sua velha traça,
Venerável irmandade!
Que teima em ser feliz
Nas suas tradições,
Eu é que não desarmo
A mira do olhar
Só pra ver acenar
A sua vis-a-vis,
A Igreja do Carmo.

Mudas imagens belas,
Nossa Senhora da Ajuda!
Rezam à noite as estrelas
Um terço em sua intenção,
Nosso Senhor nos acuda
Oh! Mártir S. Sebastião!
E a gente hesita um momento
Se alguma nota profana
Voa nas asas do vento.
De vigília Sant'Ana,
Continua a sua hossana
À Virgem do Livramento.

E a manhã ganha beleza,
Acordam os Cupidos
E as Giocondas,
Cheias de preguiça,
E os sinos, em sustentidos,
Vibram aos nossos ouvidos
Em tom menor,
Toca à Missa
Na velha igreja das Ondas
Por alma de um pescador.

Movimenta-se a cidade
E sobre o rio há gaiotas,
A esvoaçar,
E certas almas devotas
Lá vão rezar
À Senhora da Piedade,
E lá do Alto, São Brás,
Na doce manhã de paz
Faz a sua devoção
À Mãe de Deus,
«Virgem da Consolação»,
Senhora dos votos seus.

Mas a vida continua
E a cidade em seus recantos,
A cada esquina da rua
Encontra os lugares santos,
Salve-o Deus, no seu saudar,
Para o livrar do demônio,
O pescador vai pro mar
E não desprega o olhar
Das torres de Santo António.

E nesta contemplação
— O enlevo da Natureza —,
Com tão divino condão
O homem sente a beleza
Aqui e além, que desponta
Na mais sublime visão,
Como benção matinal
Que lhe deixa a alma tonta,
Numa manhã outonal
Que tanta beleza encerra,
Quedando-se a meditar
No bucolismo da serra
E na vastidão do mar.

Outono de 1967

Virgínio Pires

ALGARVE Desportivo FUTEBOL

Taça de Portugal

Tudo aconteceu conforme vaticinámos e a Taça acabou para os clubes algarvios.

O Olhanense em casa foi derrotado pelo Guimarães por 3-0 e o Portimonense foi perder em Lisboa com o Belenenses, por 4-0. É o que se chama terminar tudo em zero.

Campeonato Nacional da II Divisão

Amanhã recomeça o Campeonato Nacional da 2ª divisão e oxalá que as coisas caminhem melhor.

O Olhanense com poucas esperanças vai visitar o Lusitano de Évora, velho companheiro de lides da 1.ª divisão, e, cá nos parece, que não trará de lá qualquer boa recordação, enquanto que o Portimonense recebendo em sua casa o Montijo, terá oportunidade para arrecadar mais dois preciosos pontos.

Oxalá que os nossos vaticínios falhem e sejam os algarvios os vencedores, pois o Campeonato já vai na 5.ª jornada e a respeito de pontuação a coisa vai muito fraca, pálido reflexo das épocas transactas.

É pena, porque o Algarve bem merece ter um clube na divisão maior.

Portanto, os jogos marcados no calendário para amanhã, são os que se seguem:

Portimonense — Montijo
Lusitano de Évora — Olhanense

Séqua 2 — Campinense 1

Conforme noticiámos, realizou-se no passado domingo, no campo da Atalaia, o encontro entre as equipas do Séqua Atlético C. de Tavira e do Campinense, de Loulé, jogo em que estava em disputa, uma taça.

Venceu a equipa tavricense por 2-1 mas, quanto a nós, da maneira como a partida decorreu, o resultado mais justo seria o empate.

Amanhã, dia 22, pelas 16 horas, no campo da Atalaia, o Séqua defronta a forte equipa do Moncarapachense, concorrente ao Campeonato Regional da 1.ª Divisão, encontro que promete um bom despique de futebol, dada a aguerridão da nossa turma.

TOTOBOLA

8.ª jornada — 29/10/967

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Porto — Académica	. . . x
2	Varzim — Sanjoanense	. . . 1
3	Guimarães — CUF	. . . 1
4	Barcelense — Tirsense	. . . x
5	Setúbal — Belenenses	. . . 1
6	Leca — Espinho	. . . 1
7	A. Viseu — Covilhã	. . . 1
8	Gouveia — Penafiel	. . . 1
9	Lamas — U. Tomar	. . . 2
10	Olhanense — Sesimbra	. . . 1
11	Alhandra — Atlético	. . . 2
12	Sintrense — Peniche	. . . 1
13	Oriental — Luso	. . . 2

V. P.

Será uma pedra de valor?

Há dias, quando a Comissão de Avaliação da Propriedade Rústica procedia ao seu trabalho no sítio da Asseca, numa propriedade do sr. Tomás António Simões Pires, denominada «Bicas», o sr. Joaquim Pedro Flor da Rosa, encontrou um marco grande, em pedra, que tinha nas costas o n.º 21 e na frente a seguinte inscrição: «Do Poial R.R. — Mosteiro do Coração de Jesus de Lisboa».

Será de facto aquela pedra do poial do Mosteiro do Coração de Jesus de Lisboa? Têm a palavra os investigadores porque nós limitamo-nos a registar apenas as indicações dadas pelo sr. Flor da Rosa.

Eleições das Juntas de freguesia

EDITAL

Jorge Augusto Correia, Licenciado em Medicina e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de TAVIRA:

Nos termos e para os efeitos do disposto no § 1.º do art.º 230.º do Código Administrativo, faço saber que a eleição dos vogais das Juntas de Freguesia deste concelho, para o quadriénio de 1968/1971, terão lugar no próximo dia 29 do corrente mês.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Tavira, 9 de Outubro de 1967.

O Presidente da Câmara Municipal,

Jorge Augusto Correia

GAZETILHA

Contas de um Rosário ... de Baboseiras ...

Mas que culpa temos nós
De hoje haver turismo a menos
Lá pra Figueira da Foz,
Cascais ou Porto de Mós,
Pra nos chamar serracenos?

Um tal Diogo Correia,
Que é doutor e tem canudo,
É lhe deu a verborreia
Para dar grossa tareia
No Algarve, e estragar tudo?

Mas que culpa tem a gente
De inda haver tanto imbecil
Que blasono impunemente,
Que é de raça diferente
É tem quintas no Estoril?

Se é de casta superior,
E se usa braço e pluma,
Não venha senhor doutor,
Não venha cá por favor
Que não faz falta nenhuma.

Deixe a gente das ralés,
Não bata mais no Algarve
Não lhe dê mais pontapés,
Pra ter asco às chaminés
É preciso ser alarve!

Das chaminés rendilhadas
Deixe seguir a modinha,
Deixe vir as enxurradas
De turistas às carradas,
Fique lá no fim da linha...

A falar dos seus botões,
Da sua Beira tão grata,
Dona de tantos braços
Que tem um galo de prata.

Que a memória não lhe falte,
Com torre e galo enfeitado
Também temos, cá em Alte,
No Portugal enfeitado...

Porque a nós não faz mossa
Mesmo que nela persista,
Essa opinião tão vossa
De transcendência racista.

Mas deixemo-nos de lérias.
Pra passar as suas férias
Porque dá menos «massada»,
Tem na Beira, à sua mão,
Pra sua consolação
A aldeia apropriada...

A nossa Moncarapacho,
Situada aqui nas faldas,
Da serra, sem ter penacho.
Fabrica que é um despacho,
De barro, como os das Caldas...

Zé da Rua



Agenda

Telefones úteis:

Hospital e Maternidade	. . . 54
Bombeiros	. . . 111
Polícia	. . . 133
Guarda N. Republicana	. . . 11
Câmara	. . . 7
Táxis: 81-122-148-152-171-370	
Repartição de Finanças	. . . 259
Quartel do C.I.S.M.I.	. . . 44
Camionagem de carga	. . . 153
Camionagem de passageiros	. . . 181
Serv. Muni. água e luz	. . . 54
Polícia de Viação e Trânsito	. . . 70

Vida Religiosa

Horário das missas dominicais:

Às 8 horas — N. Sr.ª da Ajuda.
Às 10 horas — Santa Luzia.
Às 11 horas — Santa Maria do Castejo.
Às 12 horas — São Francisco.
Às 19 horas — São Francisco.

Farmácia de serviço —
Está de serviço urgente durante a presente semana a Farmácia Aboim.



Santo Estêvão

De Mal a Pior — É demasiado tarde a hora em que está a realizar-se a distribuição da correspondência em Santo Estêvão.

Desejamos salientar como nota elucidativa para quem de direito, que no sítio de Estiramantens, por exemplo, a correspondência após percorridos cerca de 17 kms. é distribuída normalmente às 10 horas, enquanto na sede da freguesia de Santo Estêvão, que fica apenas a uma terça parte de distância que a separa da estação de Tavira, a referida correspondência só é distribuída normalmente entre as 13 e as 14 horas.

Ora de harmonia com o regulamento oficial do próprio distribuidor, o levantamento da citada correspondência nesta localidade deve efectuar-se às 14 horas e 5 minutos, ou seja aproximadamente ao mesmo tempo que é distribuída. Perguntamos então como é possível dar no mesmo dia a resposta a uma carta, ofício, postal, etc, etc, que tantas vezes é solicitada a todos aqueles que por incumbência do cargo que exercem, necessitam de o fazer? Assim, conclui-se que vamos de mal a pior, neste caso.

Há cerca de 40 ou 50 anos a mala do correio era conduzida logo de manhã para Santo Estêvão onde funcionava até há poucos anos um posto de correio no qual se tratavam de todos os assuntos inerentes ao mesmo e só por volta das 19 ou 20 horas o empregado dos C.T.T. procedia à recolha das cartas, que eram transportadas para o correio geral de Tavira, proporcionando assim mais facilidades do que as actuais.

Será isto progresso ou anti-progresso?

Lembramos aquele fado do António Mourão — tempo volta pra trás.

Pelo exposto estamos certos de que as entidades competentes dos C.T.T. não deverão permanecer indiferentes a tão desagradável irregularidade sem procurar a solução justa e adequada. — C.

Estrumeiras anti-moscas

Da Subdelegação de Saúde desta cidade, recebemos um interessante folheto de divulgação de um tipo de estrumeira, feito em cimento, onde a mosca não tem possibilidade de desenvolvimento, evitando-se muitas doenças por ela propagadas.

O assunto interessa sobremaneira aos nossos agricultores que poderão seguir os novos métodos de estrumeiras anti-moscas.

Transcrição

O «Diário de Lisboa» de 15 do corrente, transcreveu na íntegra, o artigo publicado no nosso jornal sob o título «A Criação de uma Secção Liceal em Tavira».

Os nossos agradecimentos.

NECROLOGIA

D. Maria das Dores

No dia 11 do corrente, faleceu em Santa Luzia, a sr.ª D. Maria das Dores, de 91 anos, natural de Tavira.

A falecida era casada com o sr. Manuel Joaquim e avó do sr. João Maria Tomás Salvé-Rainha, funcionário Judicial em Portel.

D. Maria José Candeias

No dia 13 do corrente, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Maria José Candeias, de 63 anos, viúva, natural de Tavira.

A falecida era mãe da sr.ª D. Maria Pereira.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

PRÉDIO

Vende-se, na Rua Miguel Bombarda n.º 74 a 76A.

Accepta propostas, Carlos Guerreiro. Fica reservado o direito de entrega se o preço não convier.

Alviçaras

Dão-se a quem entregar nesta Redacção um alfinete, em esmalte, com uma balança em ouro e uma pedra de cada lado e ao meio a letra (B). Uma das pedras tem um sol-nascente e a outra é amarela.

VENDE-SE

Uma casa na Rua 1.º de Dezembro, n.º 25.

Tratar com Azinheira, Irmão Limitada — Tavira.